



DECRETO N.o. 6764 DE 11 DE NOVEMBRO DE 1981.

DENOMINA GLAUBER ROCHA UMA VIA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-lei Complementar Estadual N.o. 9, de 31 de dezembro de 1969 (Lei Orgânica dos Municípios),

DECRETA:

Artigo 1o. - Fica denominada AVENIDA GLAUBER ROCHA a Avenida 3 do Jardim Ipaussurama, com início na Avenida 1 e término na divisa do loteamento.

Artigo 2o. - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

PAÇO MUNICIPAL, 11 de novembro de 1981.

DR. FRANCISCO AMARAL
Prefeito Municipal

DR. CARLOS SOARES JÚNIOR
Secretário dos Negócios Jurídicos

ENGO. JURANDYR POMPEO CAMPOS FREIRE
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica), com os elementos constantes do protocolado N.o. 27513, de 26 de agosto de 1981, em nome do Prefeito Municipal, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 11 de novembro de 1981.

DR. RUY DE ALMEIDA BARBOSA
Secretário-Chefe do Gabinete do Prefeito



ENCICLOPEDIA
FOLHA
ILUSTRADA

CINEMA

Glauber faz arte no cinema

Depois dos quatro premios que ganhou no ultimo festival de Cannes, com *O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro*, Glauber Rocha foi filmar na Africa o seu novo filme: *O Leão de Sete Cabeças*, que provavelmente será tão polemico quanto *Deus e o Diabo*, *Terra em Transe* e *O Dragão*.

Glauber é, hoje, o diretor brasileiro mais conhecido no exterior. Os criticos europeus rasgam elogios aos seus filmes sobre os problemas latino-americanos, não se cansam de louvar a sua audacia em falar sobre determinados aspectos do mundo subdesenvolvido. E Paris vê agora *O Dragão*, com sessões lotadas, como viu *Deus e o Diabo*, que lá rendeu muito. Com um esquema montado e que o escora onde quer que vá, Glauber Rocha continua sendo o representante maximo do cinema novo, que defende com unhas e dentes.

Nascido em Vitoria da Conquista, na Bahia, a 14 de março de 1938, iniciou-se no jornalismo. Fez criticas de cinema em jornais de Salvador e prosseguiu na carreira ao transferir-se para o Rio. Na Bahia, foi o nome mais importante do chamado "circulo baiano", realizando em 1956 seu primeiro filme curto, *O País e*, dois anos mais tarde, *A Cruz na Praça*.



Glauber Rocha está na Africa, onde deverá filmar *O Leão de Sete Cabeças*, seu proximo filme

Foi coordenador de produção de *A Grande Feira* e, em 1961, estreou no cinema profissional com o filme *Barravento*. Três anos depois realizaria aquele que é tido como o seu melhor trabalho: *Deus e o Diabo* na *Terra de Sol*, um marco na historia do cinema novo, movimento que ele ajudou a construir e que hoje está enraizado. Com *Deus e o Diabo*, seu nome começou a transpor as fronteiras nacionais. O filme foi vendido a produtores de quase todos os paises da Europa e exibido nas principais cidades europeias, sempre com muito sucesso.

Em 1967, ele abalou o meio cinematografico brasileiro e agitou o festival de Cannes com *Terra em Transe*, considerado

"o melhor quadro sobre o Terceiro Mundo". Ganhou premio dos criticos internacionais e no ano passado, com *O Dragão da Maldade* bisou o feito. Em Cannes, seu filme conquistou quatro premiações importantes, o que lhe valeu o convite para realizar sua primeira obra fora do Brasil. Também fez os documentarios *Amazonas*, *Amazonas* (1965) e *Maranhão* (1968) para os governos daqueles Estados.

Depois do festival de Cannes, ele decidiu ficar um ano fora do Brasil. Vai retornar em janeiro para iniciar *Quarup*, transposição do livro de Antonio Callado.

ORLANDO L. FASSONI

O cineasta chegou ao Rio sexta-feira, procedente de Lisboa, nas mais precárias condições de saúde

Glauber morre aos 42 anos

RIO (Sincursal) — Será enterrado hoje, às 9 horas no cemitério de São João Batista, o cineasta e escritor Glauber Rocha. Que morreu ontem aos 42 anos de "septicemia ou choque bacteriano", provocado por uma bronco-pneumonia que há mais de quarenta dias o atacava.

A declaração de óbito, distribuída na Clínica Bambina, onde estava internado, cita ainda como agravante "embolias pulmonares múltiplas". Glauber Rocha foi velado na Escola de Artes Visuais, no Parque Lage, no Jardim Botânico, por amigos, cineastas, artistas e intelectuais.

Em nota distribuída ontem, após sua morte às 9h30, o médico Pedro Henrique Paiva informa que "ontem, 21 de agosto (sexta-feira), Glauber de Andrade Rocha foi recebido por ambulância da Uti-Cor, no aeroporto do Galeão, proveniente de Lisboa, onde permaneceu 13 dias internado em um hospital e de onde proveio sem diagnóstico de certeza".

"Desde às 10 horas da manhã foi atendido em regime de terapia intensiva, na Clínica Bambina, onde chegou nas mais precárias condições: infecção pulmonar importante e outras complicações". Na noite, Henrique de Paiva cita o nome dos médicos que constituíram uma junta que cuidou de Glauber desde sexta-feira e concluiu que "os médicos procuram por todos os meios evitar o risco iminente de que era um dos mais extraordinários, lucidos e honestos intelectuais deste País. As nove horas de hoje, ficamos todos um pouco orfãos".

FESTIVAL

Glauber Rocha saiu do Brasil, no ano passado, para concorrer com seu último longa metragem, "A Idade da Terra", no Festival de Veneza. Acabou permanecendo no estrangeiro até sexta-feira, quando chegou para morrer no Rio de Janeiro. Da Itália, foi para Paris, onde esteve em dezembro com alguns amigos, entre os quais Ferreira Gullar, que disse ser sua saúde precária já desde esta época, quando trabalhava demais, não dormia direito e nem comia direito.

Em Paris, Glauber ficou poucos dias e foi para Portugal, onde residiu em Siabra, cidade veraneio da realidade portuguesa, na época de sua morte. Estava se preparando para fazer um filme, aliado com o amigo João Ubaldo Ribeiro, e pelo embaixador do Brasil em Lisboa, Dário Castro Alves, que delimitou sua volta ao Brasil "para voltar salvá-lo", como disse Orlando Semma, jornalista e cineasta.

Chegando ao Galeão, ele foi transportado imediatamente para a Clínica Bambina de ambulância, mas segundo o médico Semma, seu estado já era pessimo e "desde as 20 horas de sexta-feira ele estava clinicamente morto, sendo reavivado e vindo morrer às 4h30 da manhã de ontem, morrendo às 09h30 horas". Logo depois seu corpo foi encomen-

Flávio Rangel

Gil Papá

Fui a uma festa bonita. Uma festa onde houve carinho e entusão, música e vinho, solidiedade e companheirismo. Uma festa onde mais de duzentas pessoas manifestaram seu amor a um colega — Gil Passarelli, nome ilustre na história do jornalismo brasileiro, que completava 45 anos de trabalho, todos dedicados a este poderoso rotativo. De tal forma Gil se contunde com a história deste jornal, que um dos oradores o saudou dizendo que era difícil saber "se a 'Folha' era ele ou se ele era a 'Folha'".

Conheço-o há pouco tempo; mas sempre o vi atável e gentil, atento e dedicado; e seus companheiros mais antigos não se cansaram de analisarem os aspectos mais fortes de sua personalidade. Um deles, Henrique Mateucci, escreveu as seguintes palavras: "... nenhuma vez deixou de resmungar, de se queixar do serviço, do sol, da chuva, do vento, da poeira e da máquina. Um dia largo esta porcaria", disse ele durante 45 anos. Mas não parou nunca. Nem vai parar. Um grande profissional o Gil Passarelli. E um ser humano estranho. Nunca alguém foi capaz de dizer se Gil é feliz ou infeliz, sério ou brincalhão, altruísta ou não-deceitável, simplesmente porque ele é indecifrável".

Andre Gide, numa passagem de "Os Moechos Falsos", riocloina que um homem escolhe uma profissão e fica com nostalgia de muitas outras que poderia exercer. Talvez o sentido de plena realização de um ser humano esteja na escolha correa de seu trabalho. Nenhuma outra consideração — retribuição financeira, pompa ou glória — pode se comparar a satisfação de uma pessoa que exerce o trabalho que



Glauber, insensível diante do sucesso e frio diante do sofrimento, aplaudido e criticado.

Um cinema de ódio e paixão

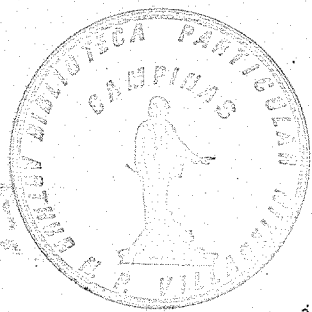
ORLANDO L. PASSONI

"Profeita não tem a obrigação de acertar, sua função é profetizar. Através de filme, essa personagem mágica de quem não é fácil ser contemporâneo e contemporâneo. Era e trata de nossas forças e nós, Brasil, a sua fragilidade".

Quando escreveu isso, há seis anos, como prefácio a um livro de estudos sobre a obra de Glauber Rocha, Paulo Bandeira Soares Gomes definiu melhor do que ninguém a personalidade de um cineasta brasileiro. Um cinema que agora perde aquele que foi o seu personagem mais aplicado, fora do Brasil, e mais abençoado dentro do País por ele jamais, em todos os seus 13 filmes, esteve disposto a fazer, ao grande público, a mínima concessão possível. Essa pessoa que

Em 1964, com "Deus e o Diabo na Terra do Sol", Glauber construiu o mais famoso personagem da história do cinema brasileiro: Antônio das Mortes. Uma obra situada entre as angústias, a fúria, a paixão, a revolta e a solidão. Como Glauber gostava de dizer: "Se o cinema brasileiro tem obras autobiográficas, elas não são, o cinema sóbrio e corajoso do autor brasileiro, mais autobiográfico do que o cinema de lá fora". No entanto, Glauber afirmou na dedicação a seus filmes: "O belo seduzido ao capricho do corpo, tipos representativos do Brasil e do Mal".

"Terra em Trânsito", de 1967, foi o melhor filme realizado pelo cineasta, obra dedicada por seus propósitos: "é um filme político na medida em que todas as obras aceitas no tempo em que vivem são políticas", e por sua construção, obra prima de uma linguagem naturalista, cinema da realidade.





Brasil, e mais atacado dentro do País porque jamais, em todos os seus 15 filmes, esteve disposto a fazer, ao grande público, a mínima concessão possível. Essa recusa está tanto em seu primeiro filme, "Barravento", quanto em seu último, "A Idade da Terra". O ciclo balano para o movimento contrário de renovação, até sua última obra, "A Idade da Terra", o colosso contido onde ele pretendeu colocar todas as suas idéias em torno de Brasil, política, sociedade, Terceiro Mundo, cinema, palavra etc.

Gráfico para uns, demagogo para outros, Glauber deixou sua marca, aqui e fora. No ano passado, o "proletário intelectual" sempregrávido, como se autodefiniu ao concluir seu oitavo filme longo, ele se dizia deprimido, angustiado, incompreendido, pobre aos 41 anos de idade, sem casa, com seis filhos de idades diferentes, sem lugar para ficar no Brasil — "onde me sinto ameaçado pelas bombas do terrorismo de direita" — e cansado de ser chamado de louco.

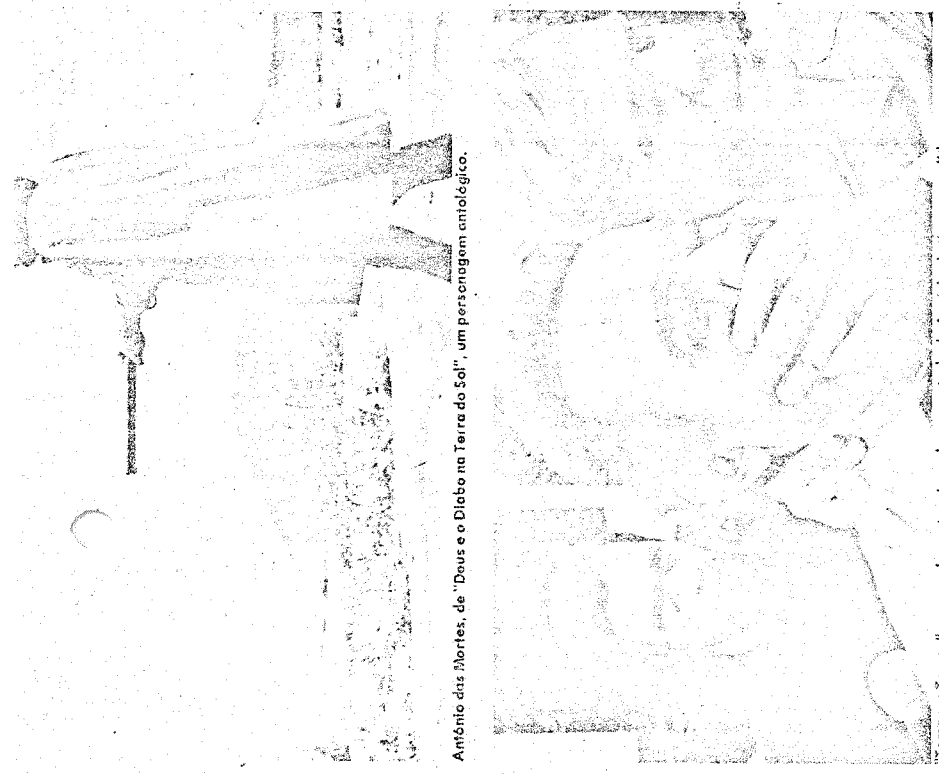
"Só admito fazer cinema numa perspectiva revolucionária. Mas tudo isso tornou-se muito difícil de passar, porque houve uma recuperação cultural muito grande. Artista, hop, e um pára, e artista com pretensões políticas e pior ainda: é um pára indigno".

Glauber, como personagem, já virava aneddotia quando vivo. Contestador que fez incursões em todas as áreas de debates sociais, seu último e agitado discurso ocorreu no festival de Veneza do ano passado, quando brevemente usou os mais conhecidos palavrões nacionais para esculhambiar os premiados do certame, chamando todos de analfabetos porque ninguém, dos cineastas internacionais aos críticos, havia compreendido a linguagem revolucionária de "A Idade da Terra".

"Ficou confundindo minha loucura com minha histeria", disse E. Praqueland, almôçador que a obra fora organizada "para manter com a linguagem cinematográfica mundial e com a ditadura de Coppola e de Godard, cineastas superados". Ainda no ano passado, dizia que seria o candidato alter-nativo à presidência do Brasil em 1984, e que, se o PTB não o aceitasse, iria conversar com Lyde Vargas para sair candidato pelo PTB. E mais: que terra, no presidente Ronald Reagan, homem de cinema, um grande aliado.

Uma trajetória, enfim, que se estendeu por todos os lados, e que fez dele uma figura inimitável. Já singular, pelos excessos e pelos filmes, que se dizia abandonado até mesmo pelos amigos mais íntimos, o cinema perde, assim, aquele que desempenhou o papel de mestre, mais ativo, inventivo, original e exigente em seu tempo. Nasceu em Vila Rica, em Conquista, na Bahia; Glauber foi jornalista, fez crítica de cinema, dirigiu curtas-metragens como "O Pálio", em 1956, e "A Cruz na Praça", em 1958, filmes que então inovavam em seu ciclo balano, uma das faixas do cinema novo.

Em "O Pálio", revelava sua preocupação com a pesquisa da linguagem, em "A Cruz na Praça", baseado num conto dele mesmo, voltava à experimentação. Foi um acidente que o levou à direção de "Barravento", as filmagens, que já tinham sido iniciadas por Luis Paulino dos Santos, foram suspensas por desavenças entre este e o produtor. Glauber abistou o argumento às suas perspectivas e desenvolveu a narrativa em torno da comunidade de pescadores espalhados por todo o poderoso local, o domo da rede que cobre a lagoa de 90 por cento do produto da pesca. Com essa história simples e numera produzida sobre Glauber analisou o comportamento das hierarquias ante a propolítica, questionando aspectos essenciais da sociedade brasileira da época. E se coube a João Emílio Chiaruto de proreitor, o ensaísta Jean-Claude Berthelot também não estava errado, na ocasião, quando disse que o filme "é uma das mais extraordinárias realizações de um cineasta brasileiro já falecido".



Antônio das Mortes, de "Deus e o Diabo na Terra do Sol", um personagem antológico.

"Terra em Trânsito", um quadro enarquitico sobre o conturbado América Latina e seus líderes.

O dragão da bondade

diana das melhores cabeças deste País, no imenso banquete antropométrico que é o mundo das idéias no Brasil.

Comunista irracional — a definição usada por Alberto Moravia em relação a Pasolini — ele se aplica perfeitamente a Glauber — ele era genial demais para se enquadrar em grupos organizados ou em esquemas doutrinários. Mas souria danadamente, mais do que as outras, aos críticos que lhe viam nas esquerdas. Seu ato final foi o filme "A Idade da Terra", em que se a sequência dos milhares de pés descalços entrando no pirâmide intemporal de Brasília (o Teatro Nacional) vale, como denúncia política, com filmes sociais-realistas lutosos.

Mais que dos pulmões, Glauber morreu de desgosto. Acessado por todos os lados, ameaçado de morte pela extrema-direita (foi por isso que se mandou para a Europa, ano passado, no auge da estação de atentados terroristas), vituperado pela esquerda, ouviu raras vozes solidárias nestes últimos e desesperados meses de vida. Nem a dedicação total de sua mulher, a doce colombiana Paula, nem o afeto de meia-dúzia de amigos, entre estes Jorge Amado e João Ubaldo Ribeiro, ambos em Lisboa, serviram a barrar o curso da doença. Glauber Rocha já estava há muito condenado. Condenado pelo Brasil que tanto amava, e sobre o qual derramou toda sua seiva criativa e com cujas terras agora se funde desafortunadamente.

Pedro Del Picchia

A notícia da morte de Glauber Rocha fere como punhalada a humanidade brasileira. Não há três semanas a dor decorre por ter perdido um dos maiores talentos da cultura brasileira. A notícia de seu falecimento é um ato de violência que se transformava em todas as conversas de Glauber, passando por momentos antes de embarcar para o Brasil e quase apenas lhe mandar um abraço. Resta do mundo porque Glauber foi, na verdade, assassinado por uma santa aliança da intelectualidade dita progressista com o pior fascismo caboclo.

Glauber era um solitário desprotegido e encontrou pouquíssimas pessoas que o defendessem em vida, especialmente nos últimos nove anos. Estranho em seu próprio mundo, vivia exilado, no exterior como no Brasil. Amargou anos as dores das acusações infundadas por ter antecipado profeticamente a estratégia da democratização à la Goulart. Era uma das melhores inteligências — e certamente a mais fascinante — desta geração brasileira de ferro e de fogo. Dração da bondade, enfrentou sistematicamente os São Jorges da direita e da esquerda, os que se lançam justicistas da sociedade quando não passam de poeira da humanidade. Glauber, filho intelectual de Oswald de Andrade, acabou decapitado na fogueira anti-

financeira, pompa ou glória — pode se comparar à satisfação de uma pessoa que exerce o trabalho que gosta. A sensação de um artista, por exemplo, no instante em que vence a luta pelo indizível, é incomparável; tal deve ser a emoção de um fotógrafo no instante da vida consegue fixar um instante da vida — o vôo casado e seguro de uma gaióla, o jovem estudante liderando uma passeata, o grande cientista com a língua de fora, o sorriso descontrado do triunfo ou o rictus amargo da derrota.

Na festa que homenageou Gil — ele mesmo, por artes de sua generosidade um constante home-nageador — citou-se a palavra "vagabundo", no sentido que se a emprega em relação a, digamos, Francis Villon ou Vinícius de Moraes: aquela característica do ser humano algo errante, ligeiramente solitário, um tantinho sem horizontes, distante da rotina e constituída basicamente da surpresa e da paixão, do risco e da evocação. "Não há melhor profissão do que este para vagabundos como nós", disse certa vez Gil. Um estranho vagabundo; na verdade, um insone vagabundo, desses que correm atrás da foto, desses que "fotografam" o que vai acontecer, desses que não têm medo de se colocar exatamente no meio de um conflito, às vezes com risco da própria vida, para exercer da melhor forma o seu trabalho. É um trabalho de alta qualidade, que já lhe deu um Prêmio Esso, exatamente como resultado do exemplo que deu; meteu-se no meio da "guerra" entre a Faculdade de Filosofia e o Mackenzie, na Rua Maria Antônia, nos Idos sombrios de 1968.

O apelido de Gil Passarelli é "Gil Papá", e, num determinado momento da festa, um coro se elevou cantando-lhe o nome. Gil agradeceu dizendo coisas engraçadas e bonitas, às quais não faltaram um toque de poesia. Falou da beleza que era receber uma homenagem em vida, quando é hábito deste País descobrir as virtudes das pessoas depois que elas se despedem deste mundo. E agradeceu especialmente o carinho dos amigos permitindo que seus filhos contemplassem aquela noite. Em seguida, sacou de uma gavinha de bolso e deliciau a plateia com "Danúbio Azul".

Acho que Gil Papá é um homem feliz.